

## “O PORCO BEBE LAVAGEM”: o recreio de crianças de uma escola do campo do Sertão Produtivo e as relações com a natureza

FERNANDA DE DEUS JUNQUEIRA<sup>1</sup>  
Universidade do Estado da Bahia (UNEB)

JULIANE DOS SANTOS AMORIM<sup>2</sup>  
Universidade do Estado da Bahia (UNEB)

### Resumo

Como é a conexão com a natureza de crianças na escola do campo? Esta pergunta tem uma das inúmeras respostas nesta pesquisa, recorte de Iniciação Científica, vinculado a Universidade do estado da Bahia (UNEB) com fomento do Conselho Nacional de Desenvolvimento Tecnológico (CNPq). Teve como *Lócus* uma Escola de Educação Infantil do Campo, localizado em uma comunidade de um município do território de identidade Sertão Produtivo. A pesquisa foi realizada com 27 crianças de 5 a 10 anos, a partir do encontro: “Criança natureza: desenhando o natural” que teve três momentos: desenhando a natureza, observações no recreio, construindo a natureza com elementos da natureza; sendo este segundo o escrito aqui. Assim, as observações foram descritas por meio de episódios e interpretadas mediante a sociologia da infância, conseqüentemente. Dessa maneira, percebemos que as crianças do campo desta pesquisa usufruem com liberdade e manipulação livre do quintal durante o período de recreio, o que demonstra que a Educação do Campo favorece a aproximação das crianças no lugar de origem e com suas origens.

5723

**Palavras-chave:** Ar livre. Crianças. Educação do campo.

### Abstract

What is the connection with nature like for children at rural schools? This question has one of the countless answers in this research, a Scientific Initiation section, linked to the State University of Bahia (UNEB) with funding from the National Council for Technological Development (CNPq). Its locus was a Rural Early Childhood Education School (EIC), located in a community in a municipality in the Sertão Produtivo identity territory. The research was carried out with 27 children aged 5 to 10 years, based on the meeting: “Nature child: drawing the natural” which had three moments: drawing nature, observations at recess, building nature with elements of nature; this being the second one written here. Thus, the observations were described through episodes and interpreted through the sociology of childhood, consequently. In this way, we realize

<sup>1</sup> Graduanda do 8º semestre de Licenciatura em Ciências Biológicas, UNEB DCH *Campus* VI; Bolsista da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia (FAPESB); E-mail: deusjunqueirafernanda@gmail.com.

<sup>2</sup> Doutora em Biologia Celular. Professora Assistente na UNEB DCH *Campus* VI, Caetitê. E-mail: jsamorim@uneb.br

that the rural children in this research enjoy freedom and free manipulation of the yard during the recess period, which demonstrates that Rural Education favors bringing children closer to their place of origin and their origins.

**Keywords:** Open air. Children. Rural education

## Introdução

### Cadê minha daqui?

O ano era 2005,  
Meu cartãozinho amarelo tenho até hoje  
Data de nascimento, Meu nome, de painho e de mãeinha  
Prédio do Morro do Mosquito, opa aqui perto de mim  
E de repente...  
Prédio do Mosquito fechou, a escola acabou  
O prédio virou depósito, zoológico...  
Só ficou as memórias e mudança de rotina  
(...)

**Fernanda Junqueira**

E assim transpassada por estas vivências e experiências é que foi realizada a pesquisa/extensão em uma Escola do Campo de um município do Sudoeste da Bahia, um encontro da liberdade no recreio e do usufruir as redondezas das escolas. Aqui se soma um recorte de pesquisa de Iniciação Científica que dialogou com a temática geral: “criança e natureza”, e observou a relação/conexão das crianças de uma determinada escola com a natureza/ar livre. A pesquisa geral contou com três momentos: desenhando o natural, observações do recreio e construindo o natural. Desses momentos, o recreio é o em diálogo aqui.

Sob a perspectiva da ideia central do que se pensa sobre natureza, abrange tudo o que tem sua própria dinâmica de crescimento e mudança independente da criação humana: dos micróbios às montanhas, do deserto aos jardins urbanos e vasos de plantas, e ainda toda a biodiversidade (Chawla, 2015; Louv, 2016). A criança também é natureza, não são partículas desvinculadas, é um ser social da natureza e/natureza, entender e se sentir natureza desde a primeira infância corrobora para o desenvolvimento infantil. Com isso, a toda a abordagem perpassa pela sociologia da Infância, na qual, considera as crianças como seres de cultura e com vozes ativas a serem consideradas cotidianamente (Sarmiento, 2011).

Pesquisar com a Educação do Campo que é um lugar onde as pessoas do próprio lugar ou redondezas podem estudar sem sair para o centro urbano, também é um exemplo de significado da luta das crianças pelo direito à infância, como também permite que elas não se percam sua identidade com os costumes rurais (Molina;

Jesus, 2004). Desse modo, esta pesquisa é um aporte científico para considerar as crianças do campo e suas relações de explorações com a escola e seu entorno como partícula fundamental para desenvolvimento de orientações de valorização e reconhecimento destas conexões para o desenvolvimento infantil além de ser uma pesquisa na única escola do campo, das mais de 30 que já existiram no município.

### **Nas trilhas das conexões da natureza!**

O presente trabalho, de abordagem qualitativa e com pesquisa de campo, é um recorte desenvolvido no Programa de Iniciação Científica (IC) na Universidade do Estado da Bahia (UNEB), e com bolsa de fomento via esta universidade e por meio do Conselho Nacional de Desenvolvimento Técnico (CNPq). O mesmo foi aprovado pelo Comitê de ética da UNEB, e está vinculado ao Núcleo de Estudos, Pesquisa e Extensão Educacional Paulo Freire, no Observatório da Infância e Educação Infantil (ObEI), na linha de pesquisa “*Infâncias, Crianças e Práticas Educativas*”.

O Observatório da Infância e Educação Infantil (ObEI) abrange os territórios de identidade Sertão Produtivo e Velho Chico do território baiano, e tem como objetivo realizar estudos e pesquisas que organizem e disponibilizem indicadores sobre a infância nestes territórios. É ligado ao Departamento de Ciências Humanas, *Campus* VI, Caetitê; Departamento de Educação, *Campus* XII, Guanambi; Departamento de Ciências Humanas e Tecnologias, *Campus* XVII, Bom Jesus da Lapa; Departamento de Ciências Humanas e Tecnologias, *Campus* XX, Brumado, com sede física no *Campus* XII. É composto por docentes; universitários e universitárias e licenciados e licenciadas do curso de pedagogia e Ciências Biológicas, bem como, professores e professoras da educação infantil.

Mediante isso, esta pesquisa iniciou com a etapa exploratória de revisão bibliográfica no qual faz-se o levantamento e proximidade com o assunto para posteriormente deliberar os próximos caminhos a tomar na pesquisa (Severino, 2016). Assim, a próxima etapa desencadeou uma pesquisa de campo cujo dados foram adquiridos a partir do encontro: “Criança natureza: desenhando o natural”, realizado em um dia do mês de agosto de 2023 em uma Escola do Campo, de um município do território de identidade Sertão Produtivo. A escolha em pesquisar em escola foi, pois é um lugar onde tem várias crianças reunidas ao mesmo tempo; e neste lugar em

específico, já que é a única escola ainda existente e que ainda não havia tido pesquisas com crianças.

Para realização deste encontro, fizemos o contato inicial de apresentação do projeto com a secretaria de educação do município, professoras e coordenação da escola; conseqüentemente por meio das educadoras, que acolheram a proposta, convidamos às crianças e seus pais ou responsáveis, e assim enviamos previamente para eles o Termo de Consentimento Livre Esclarecido (TCLE) e o Termo de Uso de Voz e Imagem. Os dados foram colhidos em três principais momentos: desenhando o que considera natural, o recreio e o uso livre dos espaços; construindo quadros com elementos da natureza. Sendo este segundo, o objeto de estudo desta escrita.

Estavam presentes 27 crianças de 5 a 10 anos residentes nas proximidades da escola. Nesta etapa do recreio, buscamos não interferir no desenvolvimento deste tempo livre, apenas fazendo participações quando convidadas ou indagadas. Durante este momento utilizamos um gravador de voz da marca Sony; celular para fotografias e caderno de campo. Como fruto das observações, descrevemos 14 mini-histórias interpretadas por meio da Sociologia da Infância.

### **Até chegar à escola do campo e a escola!**

Passa-se a cidade percorre uma pista construída em 2023, bem nova com as pinturas de faixas quase intactas, chegamos à “estrada de chão”, percorremos aproximadamente 12 km e é ali está o lugar almejado: uma escola do campo, a única do campo ainda existente no município das mais de 30 do passado, tem 33 crianças matriculadas em duas turmas, e com modalidade multisseriada. Antes mesmo de adentrarmos a sala, já os víamos pela janela e algumas na porta entusiasmadas para nos acolher. Um bom dia caloroso, e cheio de energia! Estavam fazendo uma atividade e logo guardaram os lápis, entregaram as folhas para a professora e a interação não cessou durante todo o encontro.

A escola (Figura 1), pintada de cinza e branco - recém reformada e intacta, tem duas salas com uma lousa branca e algumas cadeiras vermelha de braço; cozinha; banheiro; sem muro para separar o espaço externo do de aula; com um Programa Saúde da Família (PSF) de pequeno porte ao lado; uma quadra poliesportiva há aproximadamente 50m das salas; uma cisterna do Programa Cisterna do Governo

Federal Brasileiro. Além de várias árvores, com o seu redor todo em terra vermelha sem estucamento; casas residenciais aos lados, na frente e durante toda a extensão da estrada vicinal; animais como galinhas e cachorros vindos da vizinhança; ao fundo uma visão da Serra Geral onde fica localizado o Parque Estadual Serra dos Montes Altos (PESMA).

**Figura 1** - Salas e quintal da escola do campo



**Fonte:** Arquivo pessoal

“Tia, tem um Ninho de Passarinho ali? Já pegamos ele. Previamente, já observamos que elas tinham “encontros” não só com as quatro parentes da sala, mas demonstraram que conhecem e exploram toda a extensão da escola. No momento do recreio, este que é de 9h20min à 9h40min, começou com a merenda, um delicioso arroz com frango; com o prato azul na mão, uns sentados(as), outros(as) em pé mesmo, começaram a viver do recreio uma aventura, a comilança foi rápida porque percebemos que as crianças queriam mesmo era brincar, correr, pular, suar...

Três alunos e uma aluna trouxeram brinquedos industrializados (um dinossauro, um porquinho e uma boneca). Duas amiguinhas ficaram sentadas próximos à porta brincando com a bonequinha, e os demais foram o vasto redor. O quintal tem uma extensão grande, então as possibilidades de brincadeiras eram diversificadas, sem interferência de tamanho de espaço. Ao observarmos o fundo da escola, principalmente, víamos que as crianças estavam espalhadas ao máximo pelo ambiente – na quadra, ao lado da cisterna, sentadas na calçada da escola (Figura 1). Como diz a música: “a cada palmo desta estrada eu conheço bem” (Rédeas do passado, Zezé de Camargo e Luciano), parece que a cada palmo daquele quintal as crianças conhecem e muito bem, e não só conhecem como fazem uso dele.

## É direito delas!

As crianças do campo, têm o direito de uma educação infantil em seu próprio lugar de origem, sem precisar acordar horas mais cedo do início das aulas e nem pegar longas distâncias em transporte escolar, o que muitas vezes passam por condições de estradas inacessíveis e atraso no horário de alimentação, por exemplo. No entanto, a quantidade de escolas do campo vem diminuindo, retirando delas de aprender em seu lugar, sobre o seu lugar, e o parcela do tempo de brincar e explorar o lar fora do seu mundo rural, pode ficar no período de deslocamentos para a cidade. A educação Infantil do campo, é, então, uma soma de fatores para além da educação, é sobre cultura, saberes, sabores e rumores campestinos, é direito.

Desde a Constituição Federal brasileira até o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), assegura o direito da Educação infantil às crianças de 0 a 6 anos. Quanto a Educação Infantil e do Campo no art. 3º da Resolução CNE/CEB 2/2008 assegura que “a Educação Infantil e os anos iniciais do Ensino Fundamental serão sempre oferecidos nas próprias comunidades rurais, evitando-se os processos de nucleação de escolas e de deslocamento das crianças.” (Brasil, 2008).

Assim, a Educação Infantil como um direito das crianças ocasionou em 2010 a promulgação das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil, que aponta o fortalecimento de práticas pedagógicas, dentre estas orientações de deveres da Educação Infantil do campo, abrangendo crianças filhas de agricultores familiares, extrativistas, pescadores artesanais, ribeirinhos, assentados e acampados da reforma agrária, quilombolas, caiçaras, povos da floresta. A saber, as orientações da educação infantil do campo têm como preceitos:

- Reconhecer os modos próprios de vida no campo como fundamentais para a constituição da identidade das crianças moradoras em territórios rurais;
- Ter vinculação inerente à realidade dessas populações, suas culturas, tradições e identidades, assim como a práticas ambientalmente sustentáveis;
- Flexibilizar, se necessário, calendário, rotinas e atividades respeitando as diferenças quanto à atividade econômica dessas populações;
- Valorizar e evidenciar os saberes e o papel dessas populações na produção de conhecimentos sobre o mundo e sobre o ambiente natural;

- Prever a oferta de brinquedos e equipamentos que respeitem as características ambientais e socioculturais da comunidade (Brasil, 2010).

A Educação escolar como um direito que não deve ser negado às crianças rurais e seu próprio lugar, o que para ser praticada não seguirá estritamente os mesmos preceitos da educação na zona urbana, elas têm suas especificidades, consideradas sempre a buscar abranger a realidade campezina, o senso de pertencimento e valorização cultural.

Segundo Silva e Pasuch (2010) para suprir os direitos das crianças do campo, a EI deve promover a valorização da criança, dos seus modos de vida, da cultura, da história, da família, além de respeitar as produções dos locais em que vive e modos de convivência e que permita que as crianças conheçam à sua comunidade e como elas nomeias o mundo. Para isso é importante as “Creches e pré-escolas com a cara do campo, mas também com o corpo e a alma do campo, com a organização dos tempos, atividades e espaços organicamente vinculados aos saberes de seus povos.” (Silva; Pasuch, 2010).

Para tal, as propostas pedagógicas devem contemplar a integridade que é viver no campo, e trabalhar em prol de construir uma identidade de si e de sua escola – do seu lugar-. As crianças constroem e emana seus saberes e experiências, e ao ter uma escola que atenda seu lugar social no mundo poderá construir sua identidade enquanto criança do campo e que é merecedora de ter uma escola em seu território para observar do seu viver cotidiano e estabelecer conexões com os seus contextos a serem experienciados nas salas referencias, muitas vezes, naturais e ao ar livre.

Além de suas propostas pedagógicas diferentes, a sua arquitetura exterior permite às explorações diversas do ambiente como potencial de aprendizagem. Seja nas suas próprias ambientações, no olhar pela janela, ou até mesmo no caminho de volta para casa, há inúmeras considerações positivas que permite criatividade e inovação a estas crianças, não construindo muros de emparedamentos. Nas escolas do campo, há uma diversidade de salas referências já criadas naturalmente, tornando-os privilegiadas e passíveis de explorar com criatividade e imaginação o seu ambiente rotineiro.

**No compasso do recreio!**

Antes do recreio, não observamos nenhuma forma de organização prévia das crianças para as brincadeiras que seriam realizadas. Quatro crianças trouxeram seus brinquedos de casa (o porco, rinoceronte, Oliver - da Frozen, boneca de pano). Logo ao merendar, e ainda merendendo o arroz com frango, já havia movimentação a caminho de toda extensão do quintal, se mobilizando para começar a aventura de um novo dia de recreio e brincadeiras pelo ar livre. Duas meninas escolheram brincar sentadas com suas bonecas sentadas a porta da sala referência, ali mesmo no piso branco e cuidavam com carinho e afeto.

Percebemos que o uso do quintal no recreio, não era só no momento daquele encontro conosco, mas uma brincadeira comum em todos os dias, já que eles conheciam e demonstraram usarem com liberdade e alegria aquele espaço. A cultura do brincar, nesta escola do campo, perpassa pela liberdade de escolher: “de que, onde, como e com quem”, brincar. Também tem forte representatividade de interações, criança e criança e crianças e o meio. As crianças nos convidaram para participar das brincadeiras junto a elas. Um dos convites foi em ir brincar na quadra, há aproximadamente 50m das salas, e logo já estavam correndo para lá. Assim, descreveremos alguns episódios vivenciados durante o encontro, tal formato de descrição dos episódios também foi usado no trabalho de Teixeira (2013).

5730

**EPISÓDIO:** Brincando na quadra

**PARTICIPANTES:** Fernanda; Mikael; Heitor

**LOCAL:** Quintal da escola

Várias crianças saíram correndo no sentido a quadra, lá não tinha bola, e logo a brincadeira foi garantida subindo nos alambrados; brincando de pega-pega (um correndo atrás do outro para ver quem é mais veloz).

**Fernanda:** o que vocês querem fazer na quadra?

**Heitor P.:** brincar ué

**Fernanda:** Agora vamos brincar dentro da sala está sol (em tom de brincadeira).

**Crianças:** aaaaa (crianças que estavam no entorno)

E assim foram para quadra. Observando os colegas subindo no alambrado da quadra, Mikael fala:

**Mikael:** Tia eu cair bem um dia

**Fernanda:** aqui?

**Mikael:** cair em cima do pé de pau, eu tava brincando em cima do pé de pau, aí fui subir para o outro lado aí fui lá e comecei a ralar.

Minutos depois Davi chega perto suado, a camisa poderia torcer, uma “mina” de água com origem na diversão e na alegria.

**Figura 2** – Crianças brincando na quadra



**Fonte:** arquivo pessoal

Neste episódio é possível observar que as crianças do campo gostam de brincar lá fora, se divertem e sentem livres no espaço externo à sala de aula, isso foi explícito, por exemplo, quando falado para a volta ao interior da sala e o “aaaa” denuncia a insatisfação em voltar para as quatro paredes. Além disso, demonstra uma das formas de brincar das crianças do campo que é o subir em árvores, cair, se relar, e deixar nos joelhos a marca de vivências exitosas e benéficas ao desenvolvimento infantil. Elas têm o direito de experimentar, aprender, brincar, explorar, se esconder, e se encantar a - e na – natureza e que os esforços para que isso de fato aconteça devem ser de responsabilidade dos diferentes setores da nossa sociedade, incluindo as escolas (Chawla, 2015).

A escola do campo concretiza oportunidades de as crianças usufruírem do seu lugar de origem para continuar potencializando suas interações com a natureza. Para tanto, é importante pensar que as crianças do campo, têm seus próprios encantos, modos de ser, de brincar e de relacionar, como também ter experiências estéticas e éticas, ambientais, políticas, sensoriais, afetivas e sociais próprias (Silva, 2010). Valorizar o ser criança do campo no campo é também possibilitar o indicador saúde, educação, social que assola potencialidades no desenvolvimento infantil.

**EPISÓDIO:** O porco comendo lavagem

**PARTICIPANTES:** Fernanda; Heitor;

**LOCAL:** Calçada do fundo da escola

Heitor, sentado na calçada no fundo da escola com um porquinho de plástico na mão.

**Heitor:** Pega um pouco de água para mim (com o porco na terra, vira de lado, olha o coleguinha).

**Fernanda:** Para que você quer pegar água?

**Heitor:** É um leitão, leitão bebe lavagem.

A escola tem como vizinha uma casa com um chiqueiro com alguns porcos e outros animais, bem como, galinhas, cachorro...

**Figura 3** – Lavagem para os porcos



**Fonte:** Arquivo pessoal

Um dos costumes da população do campo é criarem animais como porco, vaca, ovelhas, galinhas. Para os porcos é comum vermos os campesinos e campesinas pegando as cascas de verduras e legumes; alimentos que sobraram das refeições; soro do leite; e misturarem água para render e no horário determinado levar ao chiqueiro e alimentar o animal. Com este episódio, percebemos que as crianças do campo fazem parte dos acontecimentos do seu cotidiano, observam as atividades dos adultos e até os executam com prazer e animação. A cultura campesina é elemento fundamental a considerar e uma educação do campo com crianças de vivências e experiências do seu lugar!

Durante o recreio foi possível também ver diferentes animais da vizinhança frequentando o ambiente externo e as crianças os notavam e interagem com eles. A saber tem um chiqueiro de porco; as galinhas apareceram no horário da merenda foi quando as crianças jogaram alguns grãos de arroz tentando alimentá-las, como também corriam até cansarem na trás tentando expulsá-las para não comerem diretamente em seus pratos; um cachorrinho pequeno da raça Pinscher que foi bem recebido pelas crianças que também deram o arroz. As crianças gostam de estar ao ar livre, se interessam por animais, pela terra, água, elas sentem a necessidade de estarem em seu lugar de origem: natureza (Louv, 2016).

Ademais, notamos que o contato com a natureza, faz parte da cultura das crianças do campo. No recreio duas crianças sentaram no chão e começaram a brincar na terra uma com o porco e rinoceronte e outra com o Oliver (da Frozen). Outros aproveitaram do recreio e nos contaram sobre alguns acontecimentos do seu dia a dia: “Um dia eu tava correndo aí fui e bati a cabeça em uma caixa moribondo” (Mikael); “Gosto de uma vaca que pula cerca” (Davi S.); A cada relato dito pelas crianças nota-se que elas têm o contato com a natureza em seu dia a dia, conhecem a biodiversidade que os cercam e tem relações diversas com elas, isto é, na educação infantil do campo não tem como fugir de suas vivências exploratórias do dia a dia.

A escola do campo é um lugar de natureza, com crianças natureza e na natureza, junto ao ar livre, com ela é possível alavancar este contato tornando-o benéfico para o desenvolvimento infantil. Nota-se que a natureza inspira a criatividade, demandando a percepção e amplo uso dos sentidos, na criança a natureza, encontra liberdade, fantasia (Louv, 2016). A escola do campo tem seus múltiplos benefícios e recursos que podem “explorados” para o aprendizado que por ventura a escola urbana não tenha. Nela é importante não deixar as crianças perderem sua essência de campesina com identidade de si e do seu lugar de origem.

Ainda na Educação do campo e nesta vivência é necessário considerar a figura das professoras que não os limitaram em ir em busca da liberdade do brincar e “do explorar” toda a imensidão do quintal. Como diz Manoel de Barros: “Meu quintal é maior que o mundo”, o quintal da escola é maior que o mundo, permite o verdadeiro desemparedamento da infância tão sugerido por Barros (2016) ao pensar os lugares sem as “quatro paredes” que frequentam as crianças e o desenvolvimento infantil,

sendo a favor de uma escola desemparedada, tal como esta do campo em estudo neste trabalho.

## Precisamos de escolas camponesas!

(...)  
Veja! o busão vinha me buscar cedinho  
Nem café eu bebia, cedinho nada descia!  
Quando o toró caía, 4h da matina já em pé  
"Ôh mãe a senhora machucou" lá fui eu caindo também  
A roda soltou pela frente do ônibus  
O almoço eu não aguentava mais esperar  
Rodava e rodava e rodava... e quase 13h  
até que enfim conseguia chegar  
Mas fazer o quê?  
Tive que sair de minha roça todo dia  
Eu queria aprender o B A BA  
E por aqui só restou meu cartãozinho  
Demoliu o prédio, demoliu a escola do campo...  
Só restou uma no meu município  
E tenho orgulho em pesquisar.  
**Fernanda Junqueira**

O que marcou a nossa infância? Onde estudei? Quais marcas carreguei comigo de tudo isso? Somos frutos de nossas vivências! Viemos de realidades diferentes, ou não, passamos por um período educativo diferente, ou não. E assim segue a vida com marcas físicas ou memórias. As memórias de escola que me cercam têm algo em comum: a natureza. Seja com um passeio pela lagoa histórica da cidade ou até pelas brincadeiras de pega-pega no pátio da ao ar livre sombreado com uma grande árvore. A natureza te marcou alguma vez na vida enquanto estudante? Você já teve uma aula no pátio?

A começar, Tiriba (2017) aponta que as crianças dependem das causas externas mais que os adultos, e ainda “conhecem sem mapas”, isto é, com o desenvolvimento de sua vida vão traçando marcas e conhecimentos. Ao levar uma criança para uma trilha, independente das instruções de quem guia, irá surgir curiosidades imagináveis. “Por que este besouro parou quando toquei nele? Por que a borboleta voou?” Estes encontros com a natureza podem ser geradores de potências, já que trazem em massa alegria, não está distante os espaços escolares: aqui está uma grande geradora de potência. Qual a arquitetura das escolas de hoje? “A escola parecendo um presídio, o que é isso?” (Barros, 2018).

Em uma instituição temos alunos vindos de diversos ambientes, alguns já estão em contato com a natureza cotidianamente; outros talvez tenham a natureza e não tem oportunidade de usufruí-la. Ainda alguns não vêm sentido quando se falam de natureza (Louv, 2016). Como um meio educacional pode mitigar tudo isso? Será se você gosta de planta por que morava em um lugar de muitas plantas? Qual a nossa relação com o mundo natural? Edward traz o conceito de Biofilia para revelar nosso senso de pertencimento ao mundo natural; sendo que, quando há este distanciamento beneficia se ambas partes. Eu sou natureza, você é natureza! A natureza não é apenas paisagem na qual se desenrola a cultura, e sim constituída por seres vivos que interagem e interferem na vida humana e em suas decisões (Tiriba, 2017).

“Como as crianças matriculadas nas Instituições de Educação Infantil (IEI) vivem a sua existência? Como se relacionam com o mundo que está para além das paredes e dos muros escolares?” A natureza pode ser vista como sujeiras, perigo, doenças...(Tiriba, 2017) É nesse momento que as folhas secas caídas em frente as Instituições são desconsideras! Que a água bebida não é tratada como natureza. Como são os lugares de educação infantil? Assim busca-se entender como fala de natureza nos documentos da Educação Infantil. De início têm-se as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil, tratando as crianças como:

Sujeito histórico e de direitos que, nas interações, relações e práticas cotidianas que vivencia, constrói sua identidade pessoal e coletiva, brinca, imagina, fantasia, deseja, aprende, observa, experimenta, narra, questiona e constrói sentidos sobre a natureza e a sociedade, produzindo cultura (Brasil, 2010).

Aqui tem a natureza como objeto do conhecimento das crianças, enquanto estas são seres da cultura, mas não podendo esquecer que são também seres da natureza. Além disso, nesse mesmo documento menciona que é dever da instituição trazer experiências que: “Incentivem a curiosidade, a exploração, o encantamento, o questionamento, a indagação e o conhecimento das crianças em relação ao mundo físico e social, ao tempo e à natureza”. Novamente no mesmo documento falando da importância de conhecer a natureza, e que a instituição promova isso, mas a natureza não é vista como um objeto por si só, e sim como passíveis de ser conhecidas pelos humanos.

Outro ponto relevante desse documento é a garantia de um espaço de educação infantil. “Os deslocamentos e movimentos amplos das crianças nos espaços

internos e externos às salas de referências das turmas e à instituição”. Ademais, têm-se os Parâmetros Básicos de Infraestrutura para Instituições de Educação Infantil:

os espaços na educação infantil devem ser variados de forma a favorecer diferentes tipos de interação e que o professor tem papel importante como organizador dos espaços onde ocorre o processo educacional. Tal trabalho baseia-se na escuta, no diálogo e na observação das necessidades e dos interesses expressos pelas crianças, transformando-se em objetivos pedagógicos (BRASIL 2010).

Observando as instituições de educação infantil como um espaço que também aproxime as crianças da natureza, e que é um espaço delas para elas. É urgente indagar: qual a escola dos sonhos? Também é egocêntrico da parte dos adultos criar um espaço para as crianças sem ouvir elas. “Devemos ouvir o que as crianças têm a dizer sobre os espaços escolares e procurar incorporar seus desejos e suas percepções, qualificando-os e tornando-os melhores para elas e para os demais membros da comunidade escolar”. Atentar-se a um pedido: “educadores tomem contato com sua memória de infância e com as relações que construíram com a natureza nesse período” (Chawla, 2015).

Não deve se esquecer a natureza é um dos elementos essenciais para se pensar e conhecer a própria vida. “quebrar” os muros das salas de aulas, desmitificar que apenas a sala de aula é lugar de aprendizado. Perdem-se em não considerar os terreiros, riachos, praias, plantações, jardins... Desse modo, tem-se um brincar livre; pronto para relaxar, além de poder usufruir de uma diversidade de conhecimento (Barros, 2018) Indubitavelmente, uma fruta é natureza, e com ela já se conhece sobre a biodiversidade do planeta, mas a cada dia quer tirar a natureza das crianças. Hoje já temos bananas em embalagens industrializadas e com plásticos, e surgirá a pergunta: de onde vem a banana? Por isso, é urgente trazer a natureza para o âmbito educacional.

Chawla (2015) em seu texto apresenta dicas de planejamentos para tais espaços supracitados, e contrariamente vigora que é possível implantar propostas que interajam os serviços ecossistêmicos, o prazer da natureza dos adultos e o contato das crianças com a natureza, sendo que, o planejamento para as crianças apresenta algumas questões especiais. No entanto, projetos significativamente ecológicos tem mais valores do que o embelezamento (Louv, 2016) O brincar lá fora, sentado em um pé de algaroba pode representar muito para uma criança, não precisa,

obrigatoriamente, mudar toda arquitetura investir altos valores em infraestrutura, mas buscar trazer a natureza com o que se tem. O passeio a uma feira já diz muito!

Chegar em uma sala de aula e já se deparar com assuntos do mundo desastroso é terrível! “As crianças começam a associá-la a medo e apocalipse não a alegria e encantamento”. Por vezes sabemos o nome de plantas da Floresta Amazônia, mas não sabemos das plantas do jardim da escola, ou da rua onde passamos todos os dias sentindo um cheiro de óleo essencial. (Louv, 2016, p. 155). Mas não é só aprender sobre a natureza conforme é mencionado nas diretrizes, mas está em natureza, sentir natureza.

Como estará as crianças daqui a 50 anos? Que estejam restauradas pela natureza e que tenha um olhar voltado para os seus direitos. É imprescindível a natureza ser considerada nos planejamentos físicos, estudantis e nos mais diversos espaços, cabe a luta da família, educadores, órgãos governamentais, dentre outros. Retomar as escolas com alegria e novo ar é urgente! O ar que as máscaras restringiram que sejam usufruídos nas escolas em pós-pandemia.

## Considerações Finais

5737

A Educação do Campo, além de trazer o pertencimento das crianças, promove a liberdade e manipulação livre do ambiente em que a instituição está vinculada. De lá é que estabelece relações com as árvores, terra, pássaros, flores, formigas, e com o ambiente de origem. Portanto, esta tessitura de crianças natureza corrobora para o olhar atento e encantador com as relações que crianças estabelecem com o meio exterior em uma escola do campo, por exemplo. Sendo um material que permitirá de sugestão para pensar possibilidades de usar o quintal e/ou aumentar o contato da natureza como potencializador das salas referências e passíveis de surgir diversos contextos investigativos corroborando para o aprendizado.

## Referências

BRASIL. Constituição (2008). Estabelece diretrizes complementares, normas e princípios para o desenvolvimento de políticas públicas de atendimento da Educação Básica do Campo. **Resolução Nº 2, de 28 de Abril de 2008**. Brasília. 28 abr. 2008. n. 2, p. 1-3.

Brasil. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Diretrizes curriculares nacionais para a educação infantil** / Secretaria de Educação Básica. Brasília, 36p. 2010.

CHAWLA, Louise. Benefits of Nature Contact for Children. **Journal Of Planning Literature**, [S.L.], v. 30, n. 4, p. 433-452, 2015.

JUNQUEIRA, Fernanda de Deus; AMORIM, Juliane dos Santos. Uma carta de natureza para quem tem crianças. **Anais do VI Seminário de Educação**, Guanambi, p. 1-6, 2023.

LOUV, Richard. **A Última Criança na Natureza**: resgatando nossas crianças do transtorno do deficit da natureza. São Paulo: Aquariana, 2016. 412 p.

MOLINA, Monica Castagna; JESUS, Sonia Meire Santos Azevedo de. **Contribuições para a construção de um projeto de Educação do Campo** / 5. ed. Brasília: Por Uma Educação do Campo, 2004. 131 p.

SARMENTO, Manuel Jacinto. “Conhecer a infância: os desenhos das crianças como produções simbólicas. In: MARTINS FILHO, Altino José; PRADO, Patrícia Dias (ed.). **Conhecer a infância: Os desenhos das crianças como produções simbólicas**. Campinas: Autores Associados, 2011. p. 27-60.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do Trabalho Científico**. 24 ed. São Paulo: Cortez, 2016.

5738

SILVA, Ana Paula Soares da; PASUCH, Jaqueline. Orientações curriculares para a Educação Infantil do Campo. **Seminário Nacional Currículo em Movimento: perspectivas atuais**, v. 1, 2010.

TEIXEIRA, Sônia Regina dos Santos. Crianças ribeirinhas brincando na pré-escola. In: SILVA, Isabel de Oliveira e; SILVA, Ana Paula Soares da; MARTINS, Aracy Alves. **Infâncias do campo**. Belo Horizonte: Autêntica, 2013. p. 187-203.

TIRIBA, Léa. Educação Infantil como Direito e Alegria. **Laplage em Revista**, [S.L.], v. 3, n. 1, p. 72-86, 2017.

Autor 1:



### **Fernanda de Deus Junqueira**

Graduanda em Ciências Biológicas pela Universidade do Estado da Bahia (UNEB), bolsista de Iniciação Científica (IC) pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia (Fapesb). Integrante do Núcleo de Estudo, Pesquisa e Extensão Educacional Paulo Freire (NEPE - UNEB/CNPQ); do Observatório da Infância e Educação Infantil (ObEI) e do Grupo de Estudos e Pesquisas Cultura das Infâncias (GEPCI - CNPQ).

**Email:** [deusjunqueirafernanda@gmail.com](mailto:deusjunqueirafernanda@gmail.com)

**Lattes:** <http://lattes.cnpq.br/1108364317444826>

**Orcid:** <https://orcid.org/0000-0001-6160-0438>

Autor 2



### **Juliane dos Santos Amorim**

Doutora em Ciências com área de concentração Biologia Celular (UFMG). Professora assistente e gestora da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), Campus VI, Caetitê/Ba. Integrante do Núcleo de Estudo, Pesquisa e Extensão Educacional Paulo Freire (NEPE - UNEB/CNPQ); do Observatório da Infância e Educação Infantil (ObEI).

**Email:** [jsamorim@uneb.br](mailto:jsamorim@uneb.br)

**Lattes:** <http://lattes.cnpq.br/7845355054767220>

**Orcid:** <https://orcid.org/0000-0001-9751-3889>